



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

KAREN DE FREITAS LANG ROCHA

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Número da entrevista: E-438

Entrevistada: Karen de Freitas Lang Rocha

Nascimento: 17/02/1985

Local da entrevista: Centro Olímpico (São Paulo)

Entrevistadoras: Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

Data da entrevista: 14/05/2014

Transcrição: Isabela Lisboa Berté

Copidesque e Pesquisa: Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 34 minutos e 53 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

Entrevista realizada pelo coletivo Guerreiras Project com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

Integra o Programa Futebol e Mulheres, desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO). Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em agosto de 2014.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o futebol; apoio da família; preconceito enfrentado; transformações em torno da visão do futebol feminino; dificuldades familiares e a luta para permanecer no futebol; envolvimento e significado do GuerreirasProject para a atleta; planos para quando deixar de jogar; significado da palavra guerreira; importância da sua história para incentivar outras pessoas.

C.F. – Ola, por favor voce pode começar dizendo seu nome, de onde você é, um pouco sobre sua história e, enfim.

K.R. – Meu nome é Karen de Freitas Lang Rocha, tenho vinte nove anos, sou jogadora de futebol e atleta da Marinha. Comecei a jogar bola a partir dos meus cinco anos, brincava na rua, na escola, onde que eu tinha oportunidade. E depois de um tempo eu comecei a ir por outros caminhos, comecei a querer beber, isso a partir dos meus doze anos, querer a usar drogas, essas coisas. E mais ou menos com meus quinze anos eu conheci um grupo na escola que foi o meu resgate, porque as meninas jogavam futebol, e aí eu decidi iniciar no esporte. Procurei uma equipe e em 2002 tive a oportunidade de fazer um teste no Santos¹, fiquei lá três anos. Nesse período eu consegui realizar o sonho de ir para Seleção, depois disputei o mundial sub-dezenove, mais tarde fui pra seleção principal em 2006. Joguei em outras equipes como Vasco², Duque de Caxias³, São José⁴, Rio Preto⁵, algumas equipes do Paraná. E disputei uma competição, o Pan-Americano⁶, em 2011; fui campeã da Copa do Brasil⁷ em 2010, em 2012; já fui campeã paulista⁸, carioca⁹. Enfim, esse é um pouquinho da minha história.

C.F. – E seus pais sempre apoiaram você jogando?

K.R. – No início meu pai e minha avó não queriam, porque achavam que não era para eu jogar fora da minha cidade. Enquanto eu estava em Curitiba tudo bem, estava tranquilo, mas quando eles estavam me vendo. Mas quando eu decidi fazer o teste em Santos, que eu pedi permissão, quem me liberou foi minha mãe e depois eles acabaram entendendo. Mas não que eles não quisessem que eu jogasse bola; sempre me deram apoio, mas queriam que fosse dentro de Curitiba. Mas depois disso eles compreenderam, sempre que com a forma deles, contribuíram para que meu sonho se realizasse. Então, sempre tive apoio deles sim.

¹ Santos Futebol Clube.

² Club de Regatas Vasco da Gama.

³ Duque de Caxias Futebol Clube.

⁴ São José Esporte Clube.

⁵ Rio Preto Esporte Clube.

⁶ Realizados em Guadalajara, México.

⁷ Copa do Brasil de Futebol Feminino realizada anualmente desde 2007.

⁸ Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

⁹ Campeonato Carioca de Futebol Feminino.

C.F. – Você já enfrentou... Então não foi preconceito deles? Que eles não queriam que você jogasse.

K.R. – Não, eles não queriam ficar longe de mim mesmo, porque eu era muito brincalhona dentro de casa. Sei lá, creio que seja isso, porque eu era muito família, sempre fui muito família. Sempre fui muito ligada a minha vó, ao meu pai, aos meus irmãos. Então eu creio que na época eles sentiram bastante o fato de eu estar indo embora, não o fato de eu realizar o meu sonho. Mas eles apoiaram sim, depois disso eles...

C.F. – Você já enfrentou alguém mais em sua família, ou que você conheceu, que falou que não é pra menina jogar futebol?

K.R. – Ah é, na época, meu pai nunca fez esporte nenhum, mas ele foi o primeiro incentivador. Mas meu pai falava que não sabia, que por ele eu não jogava, mas como eu gostava muito ele me levou. Agora essas questões eu tinha mais com vizinhos, com amigos, que falavam quando eu queria jogar bola: “Vai pra casa, vai lavar louça”. Eram mais os amigos mesmo, as pessoas mais ligadas a mim, nas brincadeiras, eram os que mais me agrediam assim, nesse sentido.

C.F. – Então, você acha que hoje em dia...

K.R. – [risos] Foi engraçado...

C.F. – Você acha que, hoje em dia, o preconceito no futebol feminino no Brasil está melhorando? As coisas estão mudando? Como é hoje em dia?

K.R. – Eu acho que quebramos muitas barreiras, primeiro foi principalmente na época que a Marta¹⁰ ganhou como melhor jogadora. Eu acho que foi uma grande feito no futebol feminino, porque dali a gente deu um passo muito grande. Apesar de ter tido jogadoras importantíssimas, como Sissi¹¹, Roseli¹², na época. Ah, eu não vou me lembrar, Fanta¹³...

¹⁰ Marta Vieira da Silva.

¹¹ Sisleide do Amor Lima.

¹² Roseli de Belo.

¹³ Nome sujeito à confirmação.

C.F. – Pretinha¹⁴

K.R. – Pretinha, Michael Jackson¹⁵... Essas meninas que foram pioneiras, elas não conseguiram demonstrar para o povo, a importância do futebol feminino. A Marta não, por causa de uma... No caso, o primeiro prêmio dela, foi realmente quando as pessoas falaram assim: “Poxa, então tem futebol feminino no Brasil.” Então eu acho que depois desse grande passo que foi dado, através da Marta, eu acho que as pessoas... Até eu mesmo eu tinha vergonha de falar que jogava bola, mesmo jogando na equipe do Santos, uma equipe com nome, com o respeito que tem. Eu não gostava de falar que eu jogava futebol, porque as pessoas: “É sério? Como que é?” Aí o que eu ia falar? Se a gente enfrentava grandes dificuldades, se o Santos só dava a camisa para a gente. Então eu falava: “Ah eu jogo, e tal.” Mas eu não explicava muito não.

N.M. – Mas o que era para você? Para você era legal? O que para você, assim você não podia falar para as pessoas. Mas o que era para você assim?

K.R. – Não, porque eu acho que as pessoas já levavam em outro sentido na verdade. Quando se fala que é atleta, a pessoa fala: “Ah que legal, que bacana. Mas o quê?” Aí quando pergunta “do quê?” era um questionamento que, eu acho que eu mesmo, tinha preconceito, porque era difícil você falar que jogava bola, era uma coisa destacada do mundo assim. Poxa, no Brasil, ainda mais no Brasil, que é, no caso, o esporte o mais forte é o futebol masculino, quando você falava, todo mundo já levava pro outro lado, que era do homossexualismo. Poxa, já achava que estava ali por, sei lá, por estar mesmo. Sei lá, era uma coisa estranha. Eu mesma não me sentia confortável de falar que eu jogava bola, era um sentimento estranho, agora, vou explicar? Acho que era nesse sentido mesmo de me chamar, sei lá, quando eu era criança me chamavam muito de mulher macho, Maria João, essas coisas, era uma coisa que me magoava muito. Então, eu acho que, quando eu me deparei com essa realidade mesmo, eu acho que era mais nesse sentido mesmo. Acho que era até as coisas que eu já tinha passado. Será que está legal?

¹⁴ Delma Gonçalves.

¹⁵ Mariléia dos Santos.

N.M. – Está muito legal. E hoje em dia você sendo da Marinha, você conquistando medalhas, esse monte de campeonatos que você falou. Você acha que, hoje em dia, você tem orgulho de falar que você é atleta, se sente mais segura...

K.R. – É, porque no começo é muito difícil. Como eu tive grandes dificuldades, porque na época, meus pais tinham se separado e tal e estavam numa crise. Estavam numa crise, porque todo homem que perdia o emprego com quarenta anos, não conseguia emprego no Brasil. Então meu pai ficou desempregado, ficou aquele perrengue, minha mãe sustentando em casa e eu não queria voltar. Mesmo com as dificuldades eu não queria voltar, porque eu pensava: “Vai ter mais uma que vai passar dificuldade em casa, mais uma para dar mais despesa.” E muitas vezes eu passei dificuldade por medo da minha família sofrer, ao mesmo tempo junto, eu estando lá, sofrendo junto. E aí, lutei. Hoje eu tenho, na verdade, maior orgulho de falar, porque eu consegui passar por todas essas dificuldades e nunca precisei passar por cima de ninguém, foi com meu esforço. Eu consegui realizar meus sonhos, consegui conquistar muitas coisas que muitas meninas aí que lutaram, batalharam, não conseguiram ou não tiveram a oportunidade. Porque não tiveram a oportunidade de poder jogar em um clube grande e até mesmo disputar um campeonato, pela seleção brasileira. Então, eu acho que a mulher que eu sou, eu sou grata ao futebol. Hoje, as coisas que aconteceram na minha vida, na verdade, foram consequência daquilo que eu trabalhei, não foi uma coisa que eu peguei e simplesmente tomei ou entrei de paraquedas, foi uma coisa que eu conquistei. Então, eu tenho orgulho sim de falar que jogo futebol hoje. Às vezes, quando falam: “Ah joga mesmo?” Eu falo: “Então vamos jogar aí.” Só para mostrar que realmente não é, como se diz, não é uma mentira que eu estou falando. Aí eu já pego: “Então, vamos jogar ali para gente ver.” Então, eu já levo mais na esportiva, não é uma coisa que hoje se alguém me falasse alguma coisa, hoje eu me sentiria ofendida, não.

K.R. – Não, é minha profissão mesmo, eu vivo disso. Então hoje é uma coisa mais tranquila assim, é mais concreto tudo que eu passei, a minha história agora está meio que concretizada assim. É isso? Eu acho que eu estou falando de mais.

C.F. – Não, está muito bom. Então você quer falar um pouquinho o que significa o GuerreirasProject¹⁶ para você? Tipo, como você entrou e agora o que significa para você?

K.R. – Então, o GuerreirasProject foi um projeto que...

C.F. – Não precisa falar também tipo missão do projeto, assim. O que significa para você?

K.R. – Não eu vou falar, porque eu vou falar. [risos]

C.F. – Ok, eu achei que você ia falar o GuerreirasProject é assim, assim, assim...

K.R. – Não, não, não. Não vou contar nada do projeto, vou contar da minha experiência. Então, quando eu entrei foi por livre e espontânea pressão, da minha amiga Caitlin¹⁷, [risos] foi livre e espontânea pressão. Porque foi, entre aspas, a gente conversava e a Caitlin falava: “Ah lembra daquela conversa que nós tivemos em 2010?” Depois ela falou que se firmou essa história junto com as outras meninas e aí concretizou em 2010. E ela fala: “Ah você é uma parte disso”. Então, eu me senti na obrigação de participar, mesmo tendo todas as dificuldades para conversar, para me expressar eu entrei no projeto. Aí, depois disso eu fui compreender que realmente era uma coisa ligada a minha vida, porque ser mulher no Brasil é muito difícil. O fato de você ser mulher no Brasil, isso em questão cultural, em várias coisas, a mulher sempre foi o segundo plano do homem. Sempre, em todos os sentidos. Então, você brigar por um direito, brigar para que a mulher seja valorizada, ter os seus valores como ser humano, isso pra mim já é um ganho. Porque eu tive muitas dificuldades por ser mulher, o futebol entrou na minha vida eu não sabia, eu gostei do futebol sem saber que existia um preconceito, sem saber que eu iria enfrentar muitas coisas, muitos desafios. E foram coisas que depois me motivaram a continuar, porque eu sabia que eu ia ter que enfrentar mesmo. Então, eu não desisti, eu poderia ter desistido no meio do caminho, falar assim: “O futebol realmente não é pra mulher.” Não, eu fui continuei, e acredito que seja também pela força de todas as meninas que estavam ali comigo, naquele momento ali. Que não foi fácil, não foi fácil pra mim, creio também que não foi fácil para as meninas, que estavam naquela situação, que eu estava também. Mas

¹⁶ Guerreiras Project é coletivo que reúne atletas, artistas, acadêmicas e ativistas que realizam atividades em torno do futebol feminino e reflexões sobre gênero.

sabendo que elas estavam suportando a pressão, as dificuldades, eu acho que foi também um motivo pra me dar força. Então, hoje eu estou em um projeto, e sei que eu estou em um projeto que está todo mundo em prol de um pensamento só: mostrar o valor da mulher. Eu acho que esse foi o fato que mais me impactou realmente para que eu pudesse dar continuidade. Fora usar também o futebol, porque o projeto usa o futebol como ferramenta, isso facilita para que a gente possa divulgar também uma coisa que eu sempre briguei. Porque eu sei que o esporte para mim, hoje, não vai me dar mais que eu já tenho, mas, eu espero que um dia, as meninas que estão chegando, elas realmente recebam a recompensa que eu acho que eu deveria merecer. Então, não só eu, como todas as meninas que jogam futebol... Eu brigo assim, porque eu acho que nós merecemos o nosso valor.

N.M. – Então, você acha importante essa coisa de passar para essas meninas mais novas a sua experiência, o projeto é bem focado nisso de passar a experiência das jogadoras. E como você sente assim quando vê as meninas te olhando, prestando atenção. Que você sente?

K.R. – Eu acho o fato de você falar para as pessoas, eu recebi no começo do... Eu recebi muito conselho, eu recebi muita orientação de meninas que jogavam comigo, tinha a experiência delas, e que eu passei a admirar nos treinamentos, e foi aquilo que fez eu crescer como pessoa. Eu acho que quando você dá uma coisa boa para uma pessoa, se ela realmente está escutando, ela vai receber, vai guardar aquilo e futuramente ela pode: “Poxa, aquela vez lá que ouvi falar...” Ela pode em algum momento da vida dela, que ela tiver passando dificuldade, ela vai lembrar e vai falar assim: “Eu posso, eu quero e eu vou conseguir. Porque aquela pessoa conseguiu.” Então, eu acho que quando você passa uma mensagem motivacional ou da sua história mesmo, é realmente para pessoa ver que as coisas são possíveis, só basta ela acreditar, ela correr atrás, o que ela deseja. Eu, a minha maior satisfação, realmente, é quando eu vejo essas meninhas, é porque eu sei que muitas passam dificuldades parecidas com que eu passei, ou até piores. Lógico que tem suas exceções, mas eu sei a dificuldade dessas meninas, principalmente aqui no Rio de Janeiro, é grandiosa. Meninas que às vezes moram em becos de favelas, moram junto com o tráfico, é lógico que agora tá mudando com as UPP’s¹⁸, mas tem muitos lugares que ainda não

¹⁷ Caitlin Davis Fisher

¹⁸ Unidade de Polícia Pacificadora.

foram pacificados, e eu sei que elas todo dia recebem informações de prostituição, de drogas, de várias coisas, que não levam elas pra um caminho correto. Então quando você dá uma informação, você passa uma coisa boa daquilo que se está fazendo, ela automaticamente vai querer uma coisa boa pra vida dela, ela não vai querer uma coisa ruim. E quando você está falando uma coisa que é ligada a vida dela, que nem o esporte, pode ser qualquer tipo de esporte, mas estou falando agora do futebol, ela se identifica, ela fala assim: "Poxa, olha, ela foi pra seleção, é possível isso." Então você começa a gerar sonhos, às vezes a menina não tem sonhos, ela está indo ali porque é um motivo que ela está comendo, ela está com outras pessoas. As amigas dela formam ali no futebol, é a motivação para ela estar ali, às vezes é para fugir da realidade mesmo, não é? Ou porque o técnico paga um sanduíche, alguma coisa, a gente sabe que, muitas vezes, acontece isso. Dessa forma que eu me sinto, como que eu posso dizer, eu me sinto feliz no sentido de poder dar um pouquinho do que eu tive, pelo menos de informação, para que elas não desistam, não desistam delas mesmo. Porque o sonho ele vem e vai e às vezes se sonha uma coisa, não consegue realizar, começa a sonhar com outras coisas, se faz planos pra outras coisas. Mas elas não podem, o meu intuito é que elas não podem desistir delas mesmas, delas correrem e lutarem pelo sonho delas ou pela felicidade delas. Então, é mais nesse sentido, nesse incentivo mesmo, delas se valorizarem como mulheres, como pessoas. Sei lá... Sei lá.

C.F. – Depois do futebol, o que você quer fazer? O que você está pensando, você já vinte e nove, vai fazer trinta.

K.R. – É, de repente trinta. [risos] Então, o meu maior arrependimento de tudo, até hoje, foi porque eu deixei muito meus estudos de lado. Eu tive oportunidades para ir para os Estados Unidos, lembra? Tive oportunidade de ir para os Estados Unidos e não pude ir, porque eu não tinha terminado o Ensino Médio, na época. E só fui conseguir concluir os meus estudos com vinte e dois anos, isso o Ensino Médio. Depois desse tempo todo, isso, com meus vinte e dois anos, no caso foi em 2007, passou todos esses anos, e eu voltei a estudar só em 2011. É lógico você começa a enfrentar várias dificuldades, eu não tinha profissão nenhuma, não tinha, foi assim: "Que vai acontecer depois de eu parar?" Hoje, lógico, hoje eu estou fazendo um curso para pelo menos eu ter alguma coisa se caso eu parar, ou acontecer alguma coisa, eu ter por onde ir. É lógico que futuramente eu penso em

fazer uma faculdade, alguma coisa e depois até talvez me envolver com esporte. Mas eu não sei na verdade, eu acho que eu vou tentar me direcionar ao que eu estou estudando agora, que é técnico em segurança, que não tem nada a ver com esporte. Mas se por um acaso, mais pra frente, eu penso assim em dar continuidade, sei lá, em comunidades mesmo, até aqui no Rio de Janeiro, em projetos para poder tirar mesmo essas crianças da criminalidade, assim do meio. Porque o esporte ele é bom em dois sentidos, qualquer tipo de esporte, ele traz uma felicidade momentânea e ele só traz benefícios pra você, só traz benefícios. Além de você estar cuidando da tua saúde, você ganha disciplina, você ganha responsabilidade, você tem que se posicionar de uma forma diferente, você não vai ser mais aquela pessoa que estava lá na comunidade. Você vai ser bem vista, porque as pessoas te olham diferente, quando você é atleta a pessoa já te olha diferente: “Poxa, ela é atleta.” É significado de saúde, de boa coisa, poxa, não mexe com coisa errada, é uma pessoa íntegra. Então, nesse sentido de levar os projetos, de levar o esporte para dentro... Isso futuramente se eu participar é nesse sentido: de transformar as pessoas em pessoas do bem, em pessoas que querem coisas boas pra vida delas, enfim, nesse sentido, mas não sei. Acho que é isso. Gente, eu não sei, eu estou falando besteira, não, eu penso mesmo, eu penso um dia trabalhar, só que só se eu for estudar, mas não sei se vai acontecer.

C.F. – Eu queria perguntar para você sobre essa palavra guerreira, que é uma palavra falada muito dentro do futebol feminino. E para você o que significa essa palavra?

K.R. – Sei lá. Ai Caitlin eu escrevi.

C.F. – Nem pensa na coisa que você escreveu, tipo em geral, o que significa ser guerreira?

N.M. – Por que você acha que esse projeto se chama guerreiras? As meninas lá do ferroviário também falam guerreiras grenal, em outro lugar também se vê as meninas chamando guerreiras. Por que o futebol feminino usa isso? Não só o futebol de repente pode ser também...

K.R. – Em geral...

N.M. – Mas relacionado às mulheres guerreiras mesmo.

K.R. – Eu acho que guerreiras significa força, garra, a união que tem, por estar passando por essas dificuldades. É uma forma de...

C.F. – Pode pensar.

K.R. – É engraçado, porque quando eu cheguei aqui, a camiseta da Ester¹⁹ era guerreira, era a dezenove que é um número que eu gosto. Que era dezenove aí estava escrito guerreira na camiseta, quando cheguei aqui, que é no caso a pessoa mais determinada da equipe, a pessoa que luta, a pessoa que não desiste. Eu vou tentar falar nesse sentido. Vai! Acho que é melhor. Então, faça a pergunta de novo, [risos] é porque eu estou muito

C.D.F. – Vou fazer a pergunta de novo. Para você o que significa ser guerreira, no futebol feminino e em geral, o que significa ser guerreira?

K.R. – Ser guerreira é ir além dos limites, é lutar, é buscar, não desistir, é se impor nas horas certas, é compreender também, até nos momentos que não concorda. Guerreira é ser mulher também, é enfrentar tudo, mas com força, com determinação.

C.F. – E você é guerreira? [risos] Você se identifica? Fala.

K.R. – Que vergonha. [risos] Eu não sei se eu sou guerreira.

C.F. – Não sabe? Mentira.

K.R. – Ai Caitlin...

C.F. – Mas isso foi uma das primeiras palavras que você me ensinou, tipo falando isso em 2004.

N.M. – A culpa é sua de tudo isso.

C.F. – Você falou... 2004 a gente conversando lá na [palavra inaudível].

K.R. – Eu acho que é ruim dar uma opinião sobre a minha pessoa.

C.F. – Não precisa.

K.R. – Mas eu acho que só o fato de estar em um esporte com tantas dificuldades, eu acho que eu sou guerreira, sim, porque até aqui eu consegui sobreviver. Então, eu acho que eu sou guerreira sim, estando longe de casa, passando por grandes perrengues, grandes dificuldades, enfim, saudade. Como eu já falei, já passei fome e... Enfim, ter passado até por... Porque às vezes até a palavra que você recebe de alguém, às vezes em um momento que você não quer, aquilo ali te deixa pra baixo e você se superar mesmo com as palavras ruins que você não está acostumado, ou sei lá, a maldade das pessoas, acho que isso se torna sim uma guerreira. Então, acho que eu sou uma guerreira, porque eu amo o que eu faço e vou lutar até o fim, até quando eu puder eu vou lutar para conquistar minhas coisas. Agora inventei. [risos]

C.F. – Você acha que sua experiência, sua história, tipo como você seguiu seu sonho, se você luta pelo que acredita. Você acha que sua história, sua experiência pode ser uma coisa poderosa para as outras mulheres? Dentro do futebol, mas também fora do futebol. Não só para as meninas que jogam, mas fora do futebol também, para tipo empoderar as outras mulheres. Você acha que sua história...

K.R. – O que é empoderar?

C.F. –É tipo o que sua história tem valor para as outras mulheres fora do futebol.

N.M. – É, acho que quando eu te perguntei no futebol, mas acho que é legal saber também se você acha que fora.

K.R. – Eu acho que quando você tem uma história, de qualquer forma quando você fala assim: “Eu sou atleta.” Essas coisas, quando você... Principalmente na minha cidade, no

¹⁹ Estergiane Pereira da Costa.

meu bairro, quando a gente ganhou a medalha de prata no Pan-Americano eu cheguei lá triste, porque eu queria ter trazido a medalha de ouro e estavam todos os meus amigos lá me esperando, toda minha família me aguardando. E eu vi que de alguma forma eu era um grande exemplo, um grande exemplo e um grande orgulho para as pessoas que me amavam. Acho que não só a minha história que se fez ali, eu acho que a pessoa também que eu sou, acho que quando você é uma pessoa que quer o bem das pessoas, que se quer estar. Porque ser atleta tem sua parte boa, mas tem muitos atletas que confundem, pisam nas outras pessoas, tratam mal. Acho que quando você tem os seus valores guardados, que nem a educação que eu tive da minha família, quando você é uma pessoa do bem, essas coisas, acho que isso já faz com que as pessoas te olhem diferente. É lógico que valores guardados como a educação que eu tive da minha família, quando você é uma pessoa do bem, essas coisas, eu acho que isso já faz com que as pessoas te olhem diferente. Então, é lógico que fortalece quando abro minha boca, quando eu começo a falar um pouco do que eu passei, da minha história, as pessoas falam: “Nossa Karen, você realmente... você se superou. Realmente você...” As pessoas até usam esse termo: guerreira. “Nossa, você foi guerreira.” “Poxa, você...” “Eu não ia conseguir passar por isso.” Então eu já passei por experiências de contar um pouco e as pessoas se surpreenderem e falar assim: “Poxa, queria ser que nem você.” Nesse sentido, não é? Então, é lógico que quando você tem argumentos, as pessoas já começam a mudar um pouco. Ali pelo menos, sei lá, não sei se vai mudar na vida delas, mas alguns pensamentos podem mudar sim., porque eu acho que na vida da gente, os exemplos são que as vezes transformam a vida das pessoas. Porque, é mesma coisa, você fazer uma coisa errada e a pessoa falar assim: “Poxa cara, não faça isso, porque eu já fiz e fui lá no fundo do poço, não vale a pena você ir por esses caminhos.” Eu não vou querer ir, porque eu vou falara assim: “Poxa, porque eu vou querer ir, se ele já se afundou. Por que eu vou me afundar também? Será que eu vou conseguir sair?” Então, eu, todos os depoimentos mesmo, os conselhos das pessoas, na minha vida sempre foram usados, assim, de bom proveito. Que eu consegui seguir muitas coisas, coisas que eu pensava, que a gente até conversava e discutia, foram coisas que transformaram meus pensamentos e minha vida depois. Então, é isso. Acho que é importante sim.

C.F. – Você está se expressando muito bem agora.

K.R. – Não, mas eu estou morrendo de vergonha falando aqui.

C.F. – Não, mas você está, em geral, não só agora. Mas em geral você está [inaudível]

K.R. – Quando você tem o conhecimento do que você está falando fica mais natural, fica bem mais fácil para você desenvolver qualquer coisa. Que nem, se perguntarem para mim se eu for falar de futebol, eu da minha forma, através do meu conhecimento, que eu tenho conhecimento, eu vou falar naturalmente o que eu acho ou deixo de achar. Quando eu entrei no projeto eu tinha muito medo disso, eu tinha as ideias, conseguia entender, mas não conseguia me expressar. Só que, lógico, depois eu fui colocando na minha cabeça que eu ia aprendendo na execução mesmo, estando ali dia a dia seria mais fácil, porque eu tinha o conteúdo. A primeira vez foi bem difícil, porque eu tive que vencer a minha vergonha, depois enfrentar mesmo as perguntas. Tinha horas que eu não sabia, eu ficava nervosa, porque eu não sabia o que eu ia falar, mas depois começou a entrar naturalmente, porque eu vi que era muito mais fácil do que eu propriamente imaginava. Então eu acho que foi isso. O conteúdo... Quando você tem um conteúdo, você estudou, buscou... No caso, a gente teve a... Como é? As... não foi oficinas.

N.M. – Capacitação.

K.R. – Capacitação, aí as oficinas. Eu procurei me dedicar o máximo. Então, quando foi pra execução mesmo, lógico, teve uns probleminhas no começo, mas depois começou a ser natural. Não vou falar que eu sou a melhor palestrante, mas eu acho que o que eu quero passar para as pessoas eu procuro falar. Às vezes até falo, não falo nem como o projeto me ensinou, mas eu falo o que está no meu coração, porque as pessoas querem escutar a sua voz mesmo, elas não querem ficar escutando o que está sendo assim meio que lendo, ou uma frase já feita. Ela quer realmente escutar o que está no teu coração, uma coisa que você de alguma forma vai tocar ela. Então, às vezes eu falo coisas que realmente eu passei, para não ter dúvida, ela realmente acreditar naquilo que eu estou falando. Então, é dessa forma que eu procuro fazer. Está bom?

C.F. – Muito!

[FINAL DA ENTREVISTA]